 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) - Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) - Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) - Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) - Debatedor/a, Iara Beleli (Núcleo de estudos de Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a A antropologia das emo?es vem se consolidando como ?rea aut?noma no Brasil h? cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de tem?ticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as tem?ticas ligadas a ?reas da vida associadas ? dimens?o ?privada? e as tem?ticas vinculadas ao ?mundo p?blico?. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, ? sexualidade ou a sa?de/doen?a; para as segundas, listar?amos os movimentos sociais, a viol?ncia ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avan?ar na supera??o dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco j? can?nico de tem?ticas pass?veis de abordagem pela antropologia das emo?es, novos problemas concebidos sob a ?gide da reflex?o sobre essa dicotomia. As principais tem?ticas a serem contempladas s?o: a) emo?es e institui?es/pr?ticas estatais; b) emo?es e pol?ticas p?blicas; c) emo?es, moral e formas do cuidado; d) emo?es, viol?ncia e vitimiza??o; e) emo?es e movimentos sociais; f) emo?es e discursos/pr?ticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emo?es; h) emo?es, g?nero e sexualidade; i) emo?es e experi?ncias de sa?de/doen?a.

Maria da Vila Matilde: a voz das mulheres contra a violência doméstica na música

Autoria: Nathália Barcelos Ubialli, Nathália Barcelos Ubialli Matheus da Rocha Viana

A antropologia das emoções que vem se firmando no Brasil desde a década de 1990, propõe, dentre outras coisas, a discussão de estruturas de emoções presentes nos imaginários culturais das sociedades e as representações de tais de forma a não considerá-las universais e trazer as problemáticas em torno dessas estruturas. Um exemplo é o amor romântico, nas falsas obrigatoriedades presentes em relacionamentos e nas estratificações que ocorrem por meio da manutenção de certos imaginários. Ao se analisar tal estrutura desse amor idealizado, podemos pensar a partir das artes, e aqui especificamente, na música, como se atualizam as formas do que é tido como aceitável, ou não, nos relacionamentos amorosos. Em ?Maria da Vila Matilde?, a cantora Elza Soares pauta a luta constante contra as violências que uma mulher sofre dentro de um relacionamento. Dessa forma, anuncia os avanços da luta contra esse tipo de violência e principalmente citando o telefone ?180? referente à Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência. Em sua mais recente obra (2018) fala da luta negra e feminista pela emancipação da mulher e reconhecimento de mulheres negras para além de sua recorrente objetificação. Elza, que se relacionou com o futebolista mundialmente conhecido, Mané Garrincha, passou diversas vezes por essas agressões e objetificações dentro de seu relacionamento com o homem que diz ter sido o amor de sua vida. A relação de Elza e Mané, e a forma romantizada de tratar o casal, mostra uma construção de amor na qual se tinha a violência doméstica mais normalizada - fosse com a mulher na relação ou com os frutos da relação, seus filhos. Uma das reivindicações da antropologia das emoções é a de que estas não são universais ou hegemônicas, e que principalmente, são frutos de relações de poder e contexto cultural: ?Das relativizações iniciais passou-se para um esforço maior em mostrar a dimensão micropolítica das emoções, revelando como são mobilizadas em contextos sempre marcados por relações e negociações de poder em vários níveis? (REZENDE; COELHO, 2010, p. 15). Dito isto, a intenção é, a partir da análise da letra da música de Elza Soares, perceber como se descristalizam e se reinventam as formas do que é aceitável, ou não, dentro dos relacionamentos amorosos.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> Levando em conta que ?nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza, pois dado que o amor é uma crença emocional pode ser —mantido, alterado, dispensado, trocado, melhorado? (COSTA, 1998, p. 150). E buscando, a partir disso, entender a agência das mulheres no contexto atual de subversão, no qual, não só em âmbitos afetivos, nota-se uma tendência de não ficarem mais caladas frente à violências estruturais.
> Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**